

Show para Nobre Queda

Marcelo Calderari Miguel¹

Centro Universitário IBMR / Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação
marcelocalderari@yahoo.com.br

Resumo: Entre o caos ritual e a queda encenada, dois poemas rasgam fissuras da existência com lirismo cortante e estética de confronto. No primeiro, memória e vingança se enrolam em espiral silenciosa — não é força bruta, mas justiça subterrânea que gira fora dos holofotes. No segundo, o desabar se apresenta em pose: tropeços ganham figurino, e a vaidade desfila blindada sob aplausos planejados. Juntos, os textos desmontam o teatro do controle e revelam que errar não é falhar — é linguagem crua, gesto nu, coreografia da verdade. Neste palco, cair não é acidente: é arte sem pedido de desculpas.

Palavras-chave: Apreensão do caos; Desconstrução de padrões; Fragmentação existencial; Ressignificação literária; Semiotização da dor; Subversão narrativa.

When Falling Becomes Art

Abstract: *Between ritual chaos and staged downfall, two poems tear open fissures in existence with sharp lyricism and confrontational aesthetics. In the first, memory and revenge intertwine in a silent spiral—not brute force, but subterranean justice swirling outside the spotlight. In the second, the collapse presents itself as a pose: stumbles gain costumes, and vanity parades blindly under planned applause. Together, the texts dismantle the theater of control and reveal that to err is not to fail—it is raw language, naked gesture, choreography of truth. On this stage, falling is not an accident: it is art without apologies.*

Keywords: Apprehension of chaos; Deconstruction of patterns; Existential fragmentation; Literary re-signification; Semiotization of pain; Narrative subversion.

Ciclonada Espiral

O vento dormia — mas quem escuta o silêncio
sabe: quando ele cala, é porque trama.

Na caverna, um sopro risca espirais sem eco —
códigos de tudo o que ficou por dizer,
feridas que giram sem nunca sair do lugar.

Ao mover o entulho, algo rasteja —
não é fera, é memória em rotação,

¹ Mestrado em ciência da informação pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5290994830537934>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7876-9392>.

ciclone que não gira por capricho,
mas por vingança enraizada em raízes invisíveis.

Não há alerta: há retorno.
A floresta exala seu veneno ritual,
e o vilarejo evapora como máscara sem rosto.
Dizem que há um tesouro nas areias,
mas quem já leu os olhos encobertos
sabe: o vento guarda o brilho... e a armadilha.

Soldados berram em buracos sem resposta,
o redemoinho se ergue como réplica do erro —
não fura o ar, costura o medo
com linhas de lembrança não protocolada.
Em sonho, meu corpo vira palco:
o ciclone me escala como saudade com pauta própria.

Com passos órfãos, evita colapsos ensaiados.
Pedras guardam fúria em estado de espera.
E o predador cai — sem saber que já estava no script.
Armadilha não morde.
Armadilha convence —
como verdade travestida de gesto elegante.

O feiticeiro gesticula, mas o vento já assinou:
quem invade sem escuta,
vira pó na narrativa do redemoinho.

Não é natureza —
é justiça poética.
Sem legenda.
Sem absolvição.
Sem ensaio.

Duro na Queda (Mas Frágil na Pose)

Caiu de terno — e a gravidade, educada, desviou o olhar.
O chão, cúmplice, arquivou o vexame
num ângulo que só o flash compreende.
“Foi só um tropeço”,
diz o corpo engomado,
especialista em cair com elegância,
mas alérgico à verdade.

Ajusta a gravata como quem retoca a ficção —
no palco onde desabar é rito,
e cada falha, uma oportunidade para aplausos.
“Duro na queda”, diz o assessor,
mas o bastidor conhece
o ferro da pose que enferruja por dentro.

Não quebrou ossos —
quebrou a narrativa.
O personagem caiu primeiro,
o corpo apenas seguiu o script.

A foto? Impecável.
Sorriso de aço.
Olhar blindado.
Mas atrás do retrato,
há cansaço sem figurino,
há queda não registrada.

O povo aplaude: “isso é força”.
Mas o que brilha é a vaidade
com certificado de superação midiática.
Ergue-se como quem treinou a queda:
em pose, sempre em pose —
para cair sem se despir.

Rezemos pela queda rentável:
não pelas feridas,
mas pelas manchetes.
Porque cair é humano.
Cair com espetáculo?
Isso é nobre queda —
com produção, plateia
e bilheteira.